

LIVRO DOS MINICURSOS

PRÁTICAS DE LETRAMENTO DIGITAL NAS SALAS DE BATE-PAPO: MOMENTO DE PÔR A DICOTOMIZAÇÃO ORALIDADE-ESCRITA EM XEQUE

Petrlson Alan Pinheiro

petrlsonpinheiro@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

Ao se pensar sobre a questão do letramento, a idéia que se tem, de imediato, é única e exclusivamente a escola e os meios tradicionais nela desenvolvidos para aprender a ler e escrever. Contudo, temos assistido, nos últimos anos, a uma explosão de novas práticas de letramento, consubstanciadas pelas novas tecnologias, que vêm fazendo parte, de forma cada vez mais crescente, das mais diversas esferas da vida social. Por isso, quando, hoje, se reflete acerca de tipos de letramentos, pode-se mencionar uma multiplicidade de novos tipos de interações por meio de textos e hipertextos, gerados na / pela mídia eletrônica digital ao lado do, então, letramento “tradicional” escolar que, por sua vez, passa a ser apenas mais um tipo de letramento (Lankshear & Knobel, 1997).

Com o fito de tentar compreender o letramento como prática social, buscando desfazer a famigerada, porém inconsistente, dicotomia entre oralidade e escrita, em especial no mundo virtual, discutirei e defenderei, neste trabalho, uma visão de letramento com base num modelo ideológico para construção de práticas de letramento digital.

Na primeira parte, trago algumas visões tradicionais sobre letramento, que operam com a dicotomização da oralidade e da escrita, e visões mais recentes dos estudos sobre letramento(s). Em seguida, discuto acerca do letramento digital e suas repercussões no modo de construção de sentidos. Passo, então, para a análise do *corpus* coletado, que busca desmistificar a dicotomia oralidade-escrita e, por fim, teço algumas considerações finais acerca do assunto.

LETRAMENTO:
POR UMA VISÃO SÓCIO-HISTÓRICA DE LINGUAGEM

Tradicionalmente, as posições lingüísticas, psicológicas e / ou (psico)lingüísticas sobre as relações entre oralidade, em geral, se ativeram muito mais às diferenças entre a linguagem oral e escrita, do que às suas semelhanças processuais. Isto é, não atentaram para seus pontos comuns ou interfaciais, praticamente não levando em conta, no processo de letramento, as interferências e projeções das várias características de uma modalidade sobre a outra e a sócio-história (condições) da emergência e da produção do discurso na construção da linguagem e do sujeito.

Street (1984) já apontava em seus estudos o que chamou de “mitos do letramento” ao fazer referência ao trabalho de Ong, Olson e Goody sobre a “grande divisão” entre oralidade e letramento.

Citando o trabalho de Street, Kleiman (1995, p. 32) trata também da questão da “dicotomização da oralidade e da escrita”, em que, ao citar Ong (1982, p. 38), aponta três diferenças entre “a linguagem das culturas orais e as manifestações da escrita”:

1ª Estilo aditivo (orações compostas e relacionadas por “e”) em vez do estilo subordinativo característico da escrita (gramática mais elaborada e fixa);

2ª Construções agregativas (com uso abundante de epítetos e fórmulas) em vez de expressão analítica, característica da escrita;

3ª Uso da redundância e da repetição, com o objetivo de manter na mente o raciocínio mental em curso *versus* continuidade linear e analítica do pensamento transformado pela escrita, uma vez que a escrita permitiria que o fluxo de pensamento possa ser mantido na página, liberando a mente para progressivos raciocínios.

Entre vários autores que lidam com a questão, Travaglia (1995, p. 51) é um dos autores que, de forma bastante sucinta, resume os pontos divergentes entre a língua falada e a escrita:

1ª As construções no oral são mais simples, menos complexas e longas;

2ª Na língua falada aparecem truncamentos (de palavras e frases), hesitações, repetições e retomadas, correções que não aparecem no escrito;

LIVRO DOS MINICURSOS

3ª A língua falada pode usar uma série de recursos do nível fonológico que no escrito não podem ser usados (entonação, ênfase de termos ou sílabas, duração de sons etc);

4ª Na língua oral, é possível observar as reações do interlocutor;

5ª É possível também impedir que alguém tome o turno antes que se termine a fala;

6ª Presença de marcadores conversacionais: Ah!, né?, certo?, etc;

Na tentativa de desmistificar a dicotomia oralidade-escrita, que imputa a cada uma delas características tão diversas, e muitas vezes não condizentes com seu real status, Street (1984) propõe dois modos de se pensar o letramento, que vêm aparecendo nas pesquisas das últimas duas décadas: o “modelo autônomo” e o “modelo ideológico”. O primeiro, que se coaduna com a concepção tradicional de letramento, segundo Kleiman (1995, p. 21), “pressupõe que há apenas uma maneira de o letramento ser desenvolvido, sendo que essa forma está associada quase que casualmente com o progresso, a civilização, a mobilidade social”. Pode-se, por conseguinte, pensar que essa concepção de letramento se define, principalmente, por pressupor uma maneira única e universal de desenvolvimento do letramento, quase sempre associada a resultados e efeitos civilizatórios, de caráter individual (cognitivos) ou social (tecnológicos, de progresso e de mobilidade social). Nesse modelo que, segundo a autora, é o que prevalece em nossas escolas, a escrita é considerada como um produto acabado, por isso, sua interpretação independe do contexto de sua produção e é onde se valoriza a dicotomização entre a oralidade e a escrita.

Já no “modelo ideológico”, Kleiman (*Ibidem*, p. 22), baseada em Street (1984) aponta que:

As práticas de letramento, no plural, são social e culturalmente determinadas e, como tal, os significados específicos que a escrita assume para um grupo social dependem de contextos e instituições em que ela foi adquirida. Não pressupõe, esse modelo, uma relação causal entre letramento e progresso ou civilização, ou modernidade, pois, ao invés de conceber um grande divisor entre grupos orais e letrados, ele pressupõe a existência e investiga as características, de grandes áreas de interface entre práticas orais e letradas.

Contrapondo-se ao modelo autônomo, o modelo ideológico permite que se considere, por exemplo, a oralidade como instrumen-

to importante para dar continuidade ao processo de desenvolvimento lingüístico dos alunos, uma vez que isso traz aspectos culturais e de poder para as práticas de letramento. Ou, nas próprias palavras de Street (1984, p. 161), no modelo autônomo de letramento, estuda-se o letramento com base em “seus aspectos técnicos, independentes do contexto social, e, no modelo ideológico, as práticas de letramento são vistas como inextricavelmente ligadas às estruturas culturais e de poder em uma dada sociedade”.

À luz dessa concepção, o letramento passa a ser entendido como práticas sociais de leitura e escrita situadas nos eventos em que essas práticas são postas em ação, bem como as suas próprias conseqüências sobre a sociedade. A esse respeito Moita Lopes (2005, p. 49) assevera que:

Ainda que seja verdade que as habilidades decodificativas e cognitivas desempenhem um papel importante quando os participantes se envolvem em práticas de letramento, estudos mais recentes neste campo têm chamado atenção para o letramento como um evento social situado.

Conseqüentemente, ao contrário do modelo autônomo, os pesquisadores que adotam a perspectiva do modelo ideológico vão investigar práticas (plurais) de letramento, contextualizadas em esferas sociais específicas (grupos, instituições, contextos), em que funcionamentos discursivos particulares da esfera social estarão atrelados a uma pluralidade de relações complexas, dentro de práticas letradas tanto orais quanto escritas, que, portanto, não podem mais ser vistas de maneira dicotômica.

Com base nessa concepção do modelo ideológico de letramento, é possível aqui estabelecer uma correlação com uma perspectiva sócio-histórica de linguagem, valendo-nos das contribuições bastante valiosas de Mikhail Bakhtin. Isso, contudo, fomenta a seguinte questão: como a dicotomização oralidade-escrita poderia ser desconstruída, ou melhor, reconstruída à luz da visão bakhtiniana de linguagem?

Para respondermos a esta pergunta, devemos enfatizar que focalizar o discurso com base na teoria de Bakhtin implica compreendê-lo como uma construção dialógica. Para o autor, a interação, então, é engendrada pelas relações que os sujeitos estabelecem dialogicamente entre si no meio social através da mediação da linguagem.

LIVRO DOS MINICURSOS

Sob essa perspectiva, a presença do “outro” possui, portanto, um papel fundamental, pois sem ele (o outro) o sujeito não mergulha no mundo “sínico, não penetra na corrente da linguagem, não se desenvolve, não realiza aprendizagens, não ascende às funções psíquicas superiores, não forma a sua consciência, enfim, não se constitui como sujeito” (Freitas, 1997, p. 320).

Isso nos leva a afirmar que é o engajamento discursivo com o outro que irá dar forma não somente ao que dizemos, mas ao que somos (Moital Lopes, 2003). Assim, no uso da linguagem, sempre há alguém para quem desejamos nos remeter e com quem desejamos nos relacionar. A alteridade, portanto, é um elemento crucial para a construção do significado bem como de nossa vida social.

Com base nessa visão de linguagem, Bakhtin desenvolve o conceito de dialogismo, cujo sentido pode ser interpretado como o elemento que instaura a natureza interdiscursiva da linguagem na medida em que diz respeito “ao permanente diálogo, nem sempre simétrico e harmonioso, existente entre os diferentes discursos que configuram uma comunidade, uma cultura, uma sociedade” (Brait, 1997, p. 98). Nesse sentido, o dialogismo é entendido como um elemento representativo das relações discursivas que se estabelecem entre o *eu* e o *outro* nos processos discursivos instaurados historicamente pelos sujeitos. Esses processos, portanto, se constituem em “contextos que não estão simplesmente justapostos, como se fossem indiferentes uns aos outros; encontram-se numa situação de interação e de conflito tenso e ininterrupto” (Bakhtin, 1929/ 1981, p. 96).

Nesse sentido, por estarmos constantemente internalizando e trazendo à tona os discursos dos outros, a linguagem apresenta, segundo Bakhtin (1953/1979), um caráter dialógico, uma vez que esses enunciados sempre pressupõem uma atitude responsiva do(s) outro(s) a quem eles se dirigem. Ou, conforme o próprio Bakhtin (1953/1979, p. 79) aponta, “nenhuma enunciação verbalizada pode ser atribuída exclusivamente a quem a enunciou: é produto da interação entre falantes e em termos mais amplos, produto de toda uma situação social em que ela surgiu”. Por conseguinte, o *eu* e o *outro* constroem, cada qual, um universo de valores.

Dentro dessa perspectiva, os enunciados, aqui entendidos como unidades reais da comunicação discursiva, se organizam como

elos em uma enorme cadeia complexa, formando um intercâmbio lingüístico. O interlocutor é dotado de uma responsividade ativa que garante a materialização da compreensão; aquele que fala ou escreve (locutor/ produtor) troca de papel simultaneamente ou alternadamente com quem escuta ou lê (interlocutor/ receptor), estabelecendo, assim, uma parceria no ato pleno e real de comunicação. Nesse sentido, todo enunciado pode ser considerado como uma resposta a outros enunciados, fazendo com que o locutor e interlocutor tenham o mesmo estatuto num movimento de responsividade.

Tomando, então, esse caráter dialógico que todo ato discursivo assume, é possível introduzir outro construto teórico bakhtiniano: o plurilingüismo. A esse respeito o próprio Bakhtin (1935/1988, p. 82) pondera que:

As forças centrípetas da vida lingüística, encarnadas numa língua “comum”, atuam no meio do plurilingüismo real. Em cada momento de sua formação, a linguagem diferencia-se não apenas em dialetos lingüísticos, no sentido exato da palavra (formalmente por indícios lingüísticos, basicamente por fonéticos), mas, o que é essencial, em línguas sócio-ideológicas: sócio-grupais, “profissionais”, “de gêneros”, de gerações, etc. [...] E esta estratificação e contradição reais não são apenas a estática da vida da língua, mas também a sua dinâmica: a estratificação e o plurilingüismo ampliam-se e aprofundam-se na medida em que a língua está viva e desenvolvendo-se; ao lado das forças centrípetas caminha o trabalho contínuo das forças centrífugas da língua; ao lado da centralização verbo-ideológica e da união caminham ininterruptos os processos de descentralização e de desunificação.

Sob essa visão de plurilingüismo, é possível afirmar que, sempre que nos engajamos num processo de produção textual numa sala de bate-papo na Internet, por exemplo, estamos o tempo todo fazendo escolhas que deixam transparecer nossos posicionamentos em relação ao que está sendo dito e para quem estamos nos dirigindo. Assim, “a significação dos enunciados tem sempre uma dimensão avaliativa, expressa sempre um posicionamento social valorativo” (Bakhtin, 1929/1981, p. 46). Isso significa dizer que, sob uma ótica bakhtiniana, as vozes que atuam em nossos discursos, conforme foi dito, estão imbricadas de valores, de modo que estamos sempre nos apropriando de discursos dos outros para a construção de quem somos, isto é, nosso discurso reflete outros discursos provenientes de outras práticas discursivas (Freitas, 1997).

LIVRO DOS MINICURSOS

A relação entre o dialogismo e o plurilingüismo, na reflexão sobre a linguagem, é convergente no que diz respeito a uma postura de questionamento da “unidade” em relação à pluralidade; de questionamento das “exclusividades” em relação às possibilidades; de questionamento do “acabado” em relação ao “inacabado”. A questão principal se centra no caráter dinâmico da língua/ linguagem, que não se constitui unitariamente, mas sim como uma arquitetura de vozes discursivas/ sociais.

O plurilingüismo, ou *pluralismo lingüístico*, que é, para Bakhtin (1935/ 1998, p. 82), “o verdadeiro meio da enunciação”, aproxima-se, assim, da “plurivocidade”, isto é, da tessitura de vozes sociais que constitui o espaço enunciativo-discursivo. O plurilingüismo segundo a teoria dialógica do discurso, ao contrário de abordagens conservadoras, não se restringe apenas à diversidade de “línguas nacionais”, mas preserva sim a diversidade de vozes discursivas (posições constituintes do discurso) como característica fundamental para a concepção de linguagem. É o próprio dialogismo incorporado no discurso através de um fluxo dinâmico entre vozes sociais engendrado em um espaço inter-relacional.

E, ao trabalharmos aqui com a noção de plurilingüismo, estamos pressupondo que uma variedade de línguas/ linguagens e, portanto, diferentes estruturas enunciativas, estão se confrontando, tendo em vista a enorme diversidade de coerções nas relações sociais. Essa noção recusa, portanto, qualquer preponderância lingüística excludente e instaura, com isso, a própria discursividade.

Conseqüentemente, ao adotar essa perspectiva sobre as práticas discursivas, escritas ou orais, estamos lidando com práticas (plurais) de letramento, contextualizadas em esferas sociais específicas (grupos, instituições, contextos), em que funcionamentos discursivos particulares da esfera social estarão atrelados a uma pluralidade de relações complexas, dentro de práticas letradas tanto orais quanto escritas, que, portanto, não podem mais ser vistas de maneira dicotômica.

Mesmo tentando buscar subsídios teóricos, como os de Bakhtin, para desfazer a dicotomia oralidade-escrita, que reflete uma posição hierarquizante em que a escrita é tomada como uma modalidade superior à oral, acredito que só apontando as nuances do mundo

virtual, apoiando-me, portanto, no letramento digital, em que os construtos bakhtinianos apontados se fazem tão presentes, é possível encontrar caminhos para desmistificar de vez essa dicotomização tão cristalizada em nossa cultura político-educacional ocidental. Por isso, antes de passar para a análise dos dados, dedico uma seção para discorrer acerca do letramento digital.

LETRAMENTO DIGITAL

É bastante notório quanto às novas tecnologias do mundo virtual têm contribuído para uma mudança profunda no mundo real em que vivemos: a economia da informação e a nova sociedade de rede cresceram repentinamente e as aplicações da vida real relativas ao comércio eletrônico e ao aprendizado reforçado pela Internet prosperaram.

Estamos vivenciando, hoje, segundo Soares (2002, p. 1) “a introdução, na sociedade, de novas e incipientes modalidades de práticas sociais de leitura e de escrita, propiciadas pelas recentes tecnologias de comunicação eletrônica – o computador, a rede (a *web*), a Internet”. Esse momento é, portanto, bastante privilegiado para busca entender, a partir da introdução dessas novas práticas de leitura e de escrita, a condição em que estão se instituindo as práticas de leitura e de escrita digitais, uma vez que esse novo tipo de letramento na cibercultura nos conduz a um estado diferente daqueles que sempre guiaram as práticas de leitura e de escrita quirográficas e tipográficas (Soares, 2002).

Nesse sentido, é possível dizer que a tela como espaço de escrita e de leitura traz não apenas novas formas de acesso à informação, mas também novos processos cognitivos, novas formas de conhecimento, novas maneiras de ler e de escrever, enfim, um novo letramento, isto é, uma nova condição para aqueles que exercem práticas de escrita e de leitura no computador. De fato, tem havido, segundo Cope & Kalantzis (2000, p. 5), “uma integração e multiplicidade crescentes de modos significantes de fazer sentido, em que o textual está também relacionado ao visual, ao áudio, ao espacial, ao comportamental, e assim por diante. E isso é particularmente importante na hipermídia eletrônica”.

LIVRO DOS MINICURSOS

Essa multiplicidade cada vez maior de se criar sentido através de meios multimodais é tamanha na atualidade que, quando se pensa acerca da cultura do texto eletrônico, esta traz consigo uma nova mudança na própria concepção que se tem sobre letramento (Lévy, 1996). Em certos aspectos essenciais, essa nova cultura do texto eletrônico, ao contrário do texto impresso, não é estável e é pouco controlado (Pinheiro, 2007). Não é estável porque os usuários, ao fazerem uso dos textos virtuais, podem interferir neles, acrescentar, alterar, definir seus próprios caminhos de leitura; e é pouco controlado porque a liberdade de produção de textos na tela não só muito grande como é, muitas vezes, ausente o controle da qualidade e conveniência daquilo que é produzido e difundido no espaço virtual (Marchuschi, 1999; Xavier, 2005).

Esse novo tipo de letramento, batizado de letramento digital (ou informacional, ou ainda computacional), é, segundo Carmo (2003), um conjunto de conhecimentos que permite às pessoas participarem, por meio de práticas letradas mediadas por computadores e outros dispositivos eletrônicos, do mundo contemporâneo. Essa nova maneira prática de letramento surgiu a partir do desenvolvimento da Internet, junto com diversos outros bancos de dados públicos e comerciais on-line, o que passou a permitir um acesso pessoal sem precedentes às informações mundiais.

O letramento digital se refere, portanto, às habilidades interpretativas de leitura e de escrita necessárias para que as pessoas se comuniquem efetivamente por meio da mídia on-line. A esse respeito Xavier (2005, p. 2) assevera que:

O Letramento digital implica realizar práticas de leitura e escrita diferentes das formas tradicionais de letramento e alfabetização. Ser letrado digital pressupõe assumir mudanças nos modos de ler e escrever os códigos e sinais verbais e não-verbais, como imagens e desenhos, se compararmos às formas de leitura e escrita feitas no livro, até porque o suporte sobre o qual estão os textos digitais é a tela, também digital.

Os letramentos digitais envolvem desde o conhecimento específico acerca do uso do computador (como por exemplo, o domínio do programa de navegação) a habilidades de letramento crítico mais amplas (tais como análise e avaliação das fontes de informações). E, muitas dessas habilidades críticas mais amplas também eram importantes na era pré-Internet, porém, assumiram maior impor-

tância nesse momento, devido à grande quantidade de informações disponíveis on-line. Carmo (2003, p. 3), sobre a questão do “letrado eletrônico”, pondera que:

O *letrado eletrônico* seria aquele que dispõe não só de conhecimento sobre propriedades do texto na tela que não se reproduzem no mundo natural como também sobre as regras e convenções que o habilitam a agir no sentido de trazer o texto à tela. E é capaz ainda de interagir com uma gama ampla de textos e está mais apto a adquirir conhecimento sobre novos tipos de texto e gêneros discursivos no meio eletrônico.

Contudo, é preciso levar em consideração que, na cultura da tela, muitas dessas informações on-line são de qualidade duvidosa, uma vez que o próprio controle de publicação pode ser alterado: enquanto, na cultura impressa, editores, conselhos editoriais decidem o que vai ser impresso, determinam os critérios de qualidade, portanto, instituem autorias e definem o que é oferecido a leitores, o computador possibilita a publicação e distribuição na tela de textos que escapam à avaliação e ao controle de qualidade: qualquer um pode colocar na rede, e para o mundo inteiro, o que quiser (Carmo, 2003); por exemplo, um artigo científico pode ser posto na rede sem o controle dos conselhos editoriais e ficar disponível para qualquer um ler e decidir individualmente sobre sua qualidade ou não.

A partir dos vários pressupostos aqui feitos sobre a escrita e a leitura na cultura da tela, ou cibercultura, o confronto entre tecnologias tipográficas e digitais de escrita e seus vários efeitos sobre o estado ou condição de quem as utiliza, podemos, então, não mais pensar em letramento como algo singular, mas sim sugerir que se pluralize a palavra e que se reconheça que diferentes tecnologias de escrita criam diferentes *letramentos*. A esse respeito, Soares (2002, p. 9) propõe que:

O uso do plural *letramentos* enfatiza a idéia de que diferentes tecnologias de escrita geram diferentes estados ou condições naqueles que fazem uso dessas tecnologias, em suas práticas de leitura e de escrita: diferentes espaços de escrita e diferentes mecanismos de produção, reprodução e difusão da escrita resultam em diferentes *letramentos*.

Em outras palavras, podemos afirmar que, dado esse caráter múltiplo que o letramento assume, o uso do termo no plural *letramentos* seria mais adequado à proposta de letramento que estamos procurando desenvolver aqui, uma proposta cujo ponto central é a idéia de que diferentes tecnologias de escrita e de leitura geram dife-

LIVRO DOS MINICURSOS

rentes estados ou condições naqueles que fazem uso dessas tecnologias, em suas práticas de leitura e de escrita. Em outras palavras, diferentes espaços de escrita e diferentes mecanismos de produção, reprodução e difusão da escrita e da leitura resultam em diferentes letramentos. Ruddell & Singer (1994, p. 147), a esse respeito, afirmam que:

O letramento está sendo continuamente definido, redefinido, construído, e reconstruído na vida social ou no grupo. O resultado desse processo não é uma definição simples de letramento, mas uma compreensão da multiplicidade de letramentos que os indivíduos enfrentam ao se tornarem membros de grupos e comunidades que estão sempre se expandindo.

Na verdade, essa necessidade de pluralização da palavra letramento e, portanto, do fenômeno que ela designa já vem sendo bastante reconhecida na tentativa de designar diferentes efeitos cognitivos, culturais e sociais em função ora dos contextos de interação com a palavra escrita, ora em função de variadas e múltiplas formas de interação com o mundo, não só a palavra escrita, mas também a comunicação visual, auditiva, espacial. Nesse sentido, poderíamos atribuir aos discursos produzidos a Internet (incluindo as múltiplas práticas de escrita) como meios através dos quais podemos construir novas formas de construir conhecimento.

A SALAS DE BATE-PAPO DO MSN: O CONTEXTO VIRTUAL DA PESQUISA

As salas de Bate-Papo (termo traduzido do inglês *Chat-Rooms*) são um sistema interativo na Internet que permite que duas ou mais pessoas possam conversar em tempo real numa página do *site*. O modo de funcionamento do programa é bastante simples: cada pessoa digita sua mensagem e toda vez que teclar “Enviar”, o texto aparece na tela do computador da outra pessoa. Por isso, trata-se de espaços no mundo virtual onde há trocas de mensagens que ocorre em tempo real, ou seja, os interlocutores estão simultaneamente conectados, através de terminais de computadores interligados em rede.

O *MSN Messenger* (ou apenas *MSN*), acrônimo da empresa que o criou (*Microsoft Service Network*), é igualmente um programa de comunicação instantânea que tem conquistado cada vez mais

adeptos no mundo inteiro, sobretudo no Brasil, onde se encontra entre os programas mais baixados nos sites de downloads locais.

Nesse programa de comunicação instantânea, busca-se não somente manter relações com pessoas que já eram conhecidas do usuário no mundo real, mas também com as pessoas que se conhece no mundo virtual. Esses ambientes permitem que os interlocutores presentes nas salas de bate-papo interajam (como uma espécie de conversa) no tempo *online*, num espaço virtual, porém a situação de produção não é face-a-face. Como a interação é intermediada pelo computador, a conversa, em geral, é escrita com o uso do teclado.

AS PRÁTICAS ESCRITAS NO MUNDO VIRTUAL:
COLOCANDO EM XEQUE A DICOTOMIA
ENTRE ORALIDADE E ESCRITA: ANÁLISE DO CORPUS

Ao tomar como base os pressupostos sobre os conceitos de letramento, em especial o de letramento digital, discutidos nas seções anteriores, buscarei aqui desconstruir algumas das principais características que sempre tentaram estabelecer uma dicotomia entre práticas orais e práticas escritas. Para tanto, citarei alguns dados colhidos numa pesquisa recente que realizei com um grupo de vinte adolescentes voluntários com idades entre 16 e 18 anos de uma escola pública do Estado do Rio de Janeiro no ano de 2006. O objetivo da pesquisa foi o de analisar, com base em algumas conversas, em forma de textos escritos, numa sala de bate-papo virtual da qual esses adolescentes participam, como as práticas escritas, num contexto informal de interação da Internet, disponibilizam diversos recursos (verbais, visuais, sonoros, hipertextuais etc) que se assemelham bastante com as práticas orais informais.

Para fins de análise, retomo novamente aqui as citações de Kleiman (1995, p. 32 *apud* Ong, 1982, p. 38) e de Travaglia (1997, p. 51) a respeito das diferenças entre oralidade e escrita:

Em Kleiman (1995, p. 32 *apud* Ong, 1982, p. 38), temos:

1ª Estilo aditivo (orações compostas e relacionadas por “e”) em vez do estilo subordinativo característico da escrita (gramática mais elaborada e fixa);

LIVRO DOS MINICURSOS

2ª Construções agregativas (com uso abundante de epítetos e fórmulas) em vez de expressão analítica, característica da escrita;

3ª Uso da redundância e da repetição, com o objetivo de manter na mente o raciocínio mental em curso *versus* continuidade linear e analítica do pensamento transformado pela escrita, uma vez que a escrita permitiria que o fluxo de pensamento possa ser mantido na página, liberando a mente para progressivos raciocínios.

Em Travaglia (1997, p. 51), as características são:

1ª As construções no oral são mais simples, menos complexas e longas;

2ª Na língua falada aparecem truncamentos (de palavras e frases), hesitações, repetições e retomadas, correções que não aparecem no escrito;

3ª A língua falada pode usar uma série de recursos do nível fonológico que no escrito não podem ser usados (entonação, ênfase de termos ou sílabas, duração de sons etc);

4ª Na língua oral, é possível observar as reações do interlocutor;

5ª É possível também impedir que alguém tome o turno antes que se termine a fala;

6ª Presença de marcadores conversacionais: Ah!, né?, certo?, etc;

Na tentativa de estabelecer um paralelo entre os dados coletados e as características supracitadas que dicotomizam a oralidade e a escrita, temos os seguintes resultados:

Quanto à 1ª e 2ª características apresentadas por Kleiman (1995, p. 32 *apud* Ong, 1982, p. 38), que se coaduna com a 1ª característica de Travaglia (1997, p. 51), pude notar que quase todas as conversas registradas no *corpus* são bastante simples. Em geral, sem estruturas longas (sem orações subordinadas e com algumas orações coordenadas aditivas com a conjunção “e” adversativas com a conjunção “mas”), típicas de uma prática de letramento informal de uma sala de bate-papo virtual (“eu vi ela hoje” e “tive medo e muita raiva dela” e “ela chegou mas aí eu já tinha ido embora”);

Em relação à 3ª característica de Kleiman (1995, p. 32 *apud* Ong, 1982, p. 38), análoga à 2ª característica de Travaglia (1997, p. 51), houve a presença de truncamentos, certos cortes na fala, tanto em função da despreocupação em escrever formalmente, como em função da própria natureza das conversas das salas de bate-papo que, assim como as práticas orais, são bastante rápidas e interativas (“hoj queria q vc me contasse td”). Houve ainda certas hesitações

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

(“que!!!!!!” “magina!!!!”), repetições (“acredita q eu vi ele la duas, duas vezes”) e correções (“na verdade eu quis dizer isso” e “desculpa o certo é ‘explicação’”);

Quanto à 3ª diferença apontada por Travaglia (1997, p. 51), obtive os seguintes exemplos do *corpus* analisado:

a) Entonação: uso de letras maiúsculas – para marcar mais intensidade no discurso (uma espécie de grito emitido pelo locutor) (“eu quero falar contigo uma parada MUITO SÉRIA”);

b) Ênfase de termos: uso de *emoticons*, uma espécie de hipertexto usado muitas vezes para substituir termos e / ou estruturais verbais para enfatizar determinados termos (“to 😊 por aquele gatinho” e “fiquei muito 😊 por vc”);

c) Duração de sons: alongamento excessivo de vogais – também para marcar intensidade no discurso: (“ele é tuuuuuuudo de bom” e “Joana é muuuuuuito minha amiga”).

Em relação à 4ª característica, que apregoa que somente por meio da língua oral seria possível observar as reações do interlocutor, é possível afirmar que, nas salas de bate-papo virtuais, isso não é verdadeiro. De fato, nas interações por escrito da Internet, não é possível ao usuário ver as expressões faciais da pessoa com a qual está interagindo. No entanto, existem muitos recursos hipertextuais que, muitas vezes, se prestam a essa função. Os *emoticons*, por exemplo, são capazes não só de substituir determinados termos verbais, como mencionei anteriormente, mas também de simular muitas das expressões e sentimentos dos interactantes do ciberespaço (“to com tanta 😊 dele!!!” e “eu fiquei 😊 com aquilo”). Nesse sentido, podemos dizer que a Internet, por ser um espaço comunicativo que requer adequações de linguagem, o internauta se vê diante não só da necessidade de fazer reduções ou abreviações na escrita, mas também de recorrer a símbolos. Tudo isso para facilitar a rapidez na comunicação e a representação da entonação, propiciando assim maiores condições de aproximar essa comunicação de uma comunicação face-a-face.

LIVRO DOS MINICURSOS

No que diz respeito à 5ª diferença, podemos salientar que, em função da própria natureza das conversas de bate-papo virtuais, amparadas pelas novas tecnologias do ciberespaço, a interação em tempo real com as pessoas na Internet nos possibilita, ao contrário da asserção do item cinco, impedir que alguém tome o turno antes que se termine a fala. Isso, inclusive, foi algo muito recorrente nos exemplos do *corpus* coletado, em que, muitas vezes, o interactante, antes mesmo que terminasse um determinado assunto, via-se interrompido por outra pessoa, que introduzia um novo assunto, fazendo com a-quele suspendesse o que estava dizendo.

Por fim, comento acerca da 6ª característica apontada por Travaglia (1997, p. 51) para diferenciar a língua escrita da língua oral, em que ele afirma que os marcadores conversacionais seriam exclusivos da língua oral. De fato, ainda que se prove que esses marcadores conversacionais são mais comuns no discurso oral, é possível dizer que, na escrita, sobretudo nas salas de bate-papo virtuais, epilingüísticos são cada vez mais recorrentes (“hein, vc viu as fotos da RÊ?”, “ah!!!! é verdade.” e “oie??, vc ta aí???”).

Pude perceber, com base nos dados apresentados, que, de fato, muitos dos laços que mantém a dicotomia oralidade-escrita nas produções textuais dos adolescentes pesquisados, representantes de todo um grupo social sócio-historicamente situado, não mais se sustentam. Isso porque se levarmos em conta as variáveis propostas do modelo ideológico de letramento, em outras palavras, se considerarmos, segundo Kleiman (1995, p. 22), que as práticas de letramento “são social e culturalmente determinadas e, como tal, os significados específicos que a escrita assume para um grupo social dependem de contextos e instituições em que ela foi adquirida”, então, perceberemos que, de fato, não cabe mais operar com um grande divisor entre grupos orais e letrados, mas pressupor a existência que investiga as características de grandes áreas de interface entre práticas orais e letradas.

Tal visão nos permite mostrar que, de fato, muitos dos laços que mantém a dicotomia oralidade-escrita nas produções textuais dos adolescentes pesquisados, representantes de todo um grupo social historicamente situado, não mais se sustentam. Isso porque, primeiramente, estamos levando em consideração as concepções bakhtiniana-

nas sobre os enunciados que, conforme apontamos anteriormente, são unidades reais da comunicação discursiva, e se organizam como elos em uma enorme cadeia complexa, formando um intercâmbio lingüístico. Nesse sentido, os interactantes, ao escreverem um para outro nas conversas das salas de bate-papo, estão se envolvendo numa troca de papéis constante e simultânea entre si, analogamente ao ato pleno e real de comunicação oral. Por conseguinte, os enunciados apresentados, escritos ou falados, podem ser considerados como uma resposta a outros enunciados, fazendo com que o locutor e interlocutor tenham o mesmo estatuto num movimento de responsividade.

Além disso, ao adotarmos a noção de plurilingüismo para os dados do *corpus*, estamos buscando ressaltar, por conseguinte, a pressuposição da elasticidade da linguagem em diferentes ligações e co-relações a situações concretas. Em outras palavras, o plurilingüismo configura-se como uma interação entre línguas sociais, isto é, traz em seu escopo a preservação das variedades concretas, sejam elas escritas ou faladas. Portanto, ao adotar o conceito de plurilingüismo, repudiam-se tendências lingüísticas voltadas para a “centralização”, a “estabilidade” e a “objetividade”, típicas das construções teóricas que reificam a dicotomia oralidade-escrita, que desconsideram a “ambigüidade”, a “polissemia” e a “ideologia” como constitutivas (Bakhtin, 1935/ 1988).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho serviu como base para discutir acerca dos novos pressupostos da comunicação da humana no ciberespaço. De forma mais específica, foi possível perceber, com base nos dados apresentados, que muitos pressupostos, responsáveis por manter firme a fronteira que separa oralidade e escrita, caíram por terra. Procurei, com isso, mostrar como as práticas de letramento, em especial o letramento digital, estão mudando as maneiras como lidamos com a própria linguagem. Nesse sentido, acredito que tenha sido possível compreender que as práticas orais e escritas com base no modelo ideológico de letramento, isto é, como prática social situada no contexto de (inter)ação, pode permitir que entendamos que a(s) maneira(s) como nos posicionamos discursivamente, sobretudo em práticas de letramentos disponibilizadas nos / pelos espaços virtuais,

LIVRO DOS MINICURSOS

contribuem para (re)construir sentidos no mundo social e, mais do que isso, quem somos nesse mundo social.

Em suma, essas posições, que procuram dicotomizar oralidade e a escrita, vêem a linguagem como sistema abstrato de formas e funções, de um lado, e as condições do sujeito falante isoladas, de outro; reafirmam a materialidade objetiva da linguagem, como objeto constituído e transparente e não levam em consideração a mobilidade sócio-histórica dos sujeitos e da própria linguagem ou os modos de participação dos sujeitos nas práticas discursivas que, em especial no mundo virtual, têm se constituído de forma cada vez mais heterogênea multifacetada.

Portanto, ressalto aqui a importância de áreas que lidam com a linguagem continuarem realizando pesquisas que contemplem esse mundo novo do ciberespaço e suas múltiplas possibilidades de (re)construir significados, a fim de que não nos congelemos em dicotomias estanques, como a que separa a oralidade e a escrita, mostrada neste estudo, e, com isso, promover um (re)pensar, e até uma redefinição, sobre as nossas teorias e práticas que compõem a comunicação humana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. São Paulo: Hucitec. 1929/ 1981.

———. *Questões de literatura e de estética*. São Paulo: Hucitec. 1935/ 1988.

———. Os gêneros do discurso. In BAKHTIN, M., *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes. 1953/ 1979, p. 277-326.

BRAIT, B. Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin, dialogismo e construção de sentido*. Campinas: UNICAMP, 1997.

CARMO, J. G. B. *O letramento digital e a inclusão social*. 2003. Disponível em:

<http://paginas.terra.com.br/educacao/josue/index%2092.htm>. Acesso em: 26 de fevereiro de 2007.

COPE, B. & KALANTZIS, M. (Eds). *Multiliteracies: Literacy Learning and the Design of Social Futures*. Londres: Routledge. 2000.

FREITAS, M. T. A. Bakhtin e Vygotsky: um encontro possível. In BRAIT, B. (Org.) *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. Campinas: Unicamp, 1997.

FRIDMAN, L. C. *Vertigens pós-modernas: configurações institucionais contemporâneas*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

GRAFF, H. *The legacies of Literacy*. The American Educational Research Association. 1994.

KLEIMAN, A. Modelos de Letramento e as Práticas de Alfabetização na escola. In: KLEIMAN, A. (ed.). *Os significados do letramento*. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

LANKSHEAR, C. & KNOBEL, M. Literacy, Texts and Difference in the Electronic Age. In: LANKSHEAR, C. *Changing Literacies*. Buckingham: Open U Press, 1997.

LÉVY, P. *O que é o virtual?* São Paulo: Editora 34, 1996.

MARCUSCHI, L. A. Linearização, Cognição e Referência: o Desafio do Hipertexto. *IV colóquio da Associação Latinoamericana de Analistas do Discurso*. Santiago do Chile, 1999.

MOITA LOPES. L. P. A construção do gênero e do letramento na escola: Como um tipo de conhecimento gera outro. In: *Investigações. Linguística e Teoria Literária*. Vol. 17, nº 2, 2005.

ONG, W.J. *Orality and Literacy*. The technologizing of the word. Londres: Meuthen, 1982.

PINHEIRO, P. A. S. *Letramento digital como possibilidade de viver a experiência errante das identidades sociais*. Dissertação. Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Linguística Aplicada. UFRJ. 2007.

RUDELL, R. B. & SINGER, H. (Eds.). *Theoretical Models and Processes of Reading*. New York: International Reading Association. Inc. 1994.

LIVRO DOS MINICURSOS

SCRIBNER, S. & COLE, M. *The Psychology of Literacy*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1981.

SIGNORINI, I. A letra dá a vida, mas também pode matá-la. **In:** *Leitura: Teoria & Prática*. Campinas, v. 13, n. 21, p. 20-27, 1994.

———. *Lingua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

SOARES, M. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

———. *Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura*. 2002. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-7330008&lng=pt&nrm. Acesso em: 24 de fevereiro de 2007.

STREET, B. *Literacy in Theory and Practice*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

TRAVAGLIA, L. C. *A variação lingüística e o ensino da língua materna*. São Paulo: Cortez, 1997.

XAVIER, A. C. S. *Letramento digital e ensino*. 2002. Disponível em: <http://www.ufpe.br/nehete/artigos/Letramento%20digital%20e%20ensino.pdf>. Acesso em: 25 de fevereiro de 2007.